

EPIGRAPH

Revelação Mosaica

El poeta, inmerso en el movimiento del idioma, continuo ir y venir verbal, escoge unas cuantas palabras – o es escogido por ellas. Al combinarlas, construye su poema: un objeto verbal hecho de signos insustituibles e inamovibles. El punto de partida del traductor no es el lenguaje en movimiento, materia prima del poeta, sino el lenguaje fijo del poema. Lenguaje congelado y, no obstante, perfectamente vivo. Su operación es inversa a la del poeta...

Octavio Paz, *Traducción: Literatura y Literalidad*

Um pulmão rosa atrai um pulmão cor de pele;
um torso bege por cima de esquisso de coração
ou molde duma púbis feminil; em baixo um rosto
masculino com seu chapéu oval farejando tudo;
uma rola com patas de traço infantil cantando
para uma pedra em forma de mapa, em volta
estilhaços de sigilosa matéria negra cintilante.

Via estas coisas prolongando o tempo na sanita:
eu miúda, aquilo o padrão de um mosaico
cujo nome saberão os construtores civis
(termos relacionados: *grés, lambaz, tessela*).
Decifrar era modo de saber o que conversava
o chão consigo. Pensava: se o chão for cabeça
da terra o mosaico fala e as formas são

bocas a abrir a cor um acento. Não pensava
creio em palavras que soube depois na catequese
n'As Mais Belas Histórias da Bíblia: sarça, maná
e profeta: contratos de decência entre homens—
rasto efémero do dedo de Jesus na areia frente
ao campo de lapidação da mulher adúltera. Cada lasca
tinha mais línguas do que o céu a minha ginástica

era isso: ainda não palavras nem ainda linguagem
pendurada numa geração de árvores — posto
ser a força o mais rupestre desenho na base
há as patas de uma rola cantando há ainda
expressão incomum sem forçar o consenso
os sentidos afetos ao falante e o resto que impede
o fixo: mais variáveis do que regras trajetórias

ainda não metas — essas formas de miúda
na retrete praticando a distração de abjetas
coisas sendo afinal a tradução prévia a poetas

Margarida Vale de Gato

Mosaic Revelation

A pink lung beckons a skin-colored lung;
a beige torso overlays the sketch of a heart
or the mold of a female pubis, beneath a male
face with its oval hat sniffing out everything;
a dove with stick-figure legs is singing
to a stone shaped like a map, around
shining shards of secretive black material.

I saw such things as I lingered on the toilet:
me a girl, what I saw the pattern of a mosaic
whose name only builders would know
(related terms: *stoneware, sandstone, tessera*).
Deciphering was like finding out how the floor
spoke to itself. I thought: if the ground is the head
of the earth the mosaic talks and the shapes are

mouths opening, color an accent. I guess I didn't
believe in words I learned later in Sunday school
in *The Most Beautiful Bible Stories: bramble, manna*
and *prophet*: the contracts of decency among men –
the faint line Jesus drew in the sand around
the adulterous wife in the stoning field. Each
chip had more tongues than heaven and I tried

to speak them all: not quite words not yet
language, hung from a generation of trees – even if
the most rudimentary drawing was the gallows caught
in a dove's feet singing of all the rare ways that still exist
to say things without clamoring for consensus,
meanings that had to do with the speaker,
no final word: variants instead of rules,

roads taken without intent – to the girl on the
toilet shapes all distracted by abjections
translated before the poet had even arrived.

Translation by Martin Earl